

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

PARENTALIDADE EM CASAIS HOMOSSEXUAIS

Marina Ortolan Araldi

Mestranda

Prof^ª Dr^ª Fernanda Barcellos Serralta

Orientadora

São Leopoldo, abril de 2015

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

PARENTALIDADE EM CASAIS HOMOSSEXUAIS

Marina Ortolan Araldi

Orientadora: Prof^a Dr^a Fernanda Barcellos Serralta

Dissertação de mestrado apresentada no Programa de Pós-graduação em Psicologia. Área de concentração Psicologia Clínica da Universidade de Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica.

São Leopoldo, abril de 2015

PARENTALIDADE EM CASAIS HOMOSSEXUAIS

Elaborada por

Marina Ortolan Araldi

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Fernanda Barcellos Serralta

(Orientadora)

Prof^ª Dr^ª Silvia Pereira da Cruz Benetti

(Membro)

Prof Dr Henrique Caetano Nardi

(Membro)

Prof^ª Dr^ª Anna Paula Uziel

(Membro)

A658p ARALDI, Marina Ortolan.

Parentalidade em casais homossexuais / por Marina Ortolan Araldi. – 2015.

69 f.: il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, São Leopoldo, RS, 2015.

“Orientação: Prof.^a Dr.^a Fernanda Barcellos Serralta”.

Catálogo na Publicação:

Bibliotecário Alessandro Dietrich - CRB 10/2338.

Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora, Fernanda Serralta, pela competência, apoio, dedicação, paciência e carinho nestes dois anos de caminhada.

Agradeço ao suporte dos amigos e colegas Marla Martins, Vitória Waikamp, Felipe Weber, Fernanda Reis, Carolina Lima, Martin Tessmer, Aline Bittencourt, Gibson Weydmann e demais integrantes do grupo LAEPSI.

Agradeço a colaboração de todos os professores e colegas de aula que, de diversas maneiras, contribuíram para meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, auxiliando na evolução desta dissertação.

Agradeço a Dra. Maria Berenice Dias e aos participantes desta pesquisa.

Agradeço meu pai, minha mãe, meu irmão e minha irmã que apoiam e suportam meus planos de vida e possibilitaram mais este passo na minha caminhada profissional.

Muito obrigada!

Sumário

Lista de Tabelas.....	08
Lista de Figuras.....	09
Lista de Siglas.....	10
Apresentação da Dissertação.....	11
Artigo I	17
Parentalidade em casais homossexuais: Uma revisão sistemática.....	17
Resumo.....	17
Abstract.....	17
Introdução.....	18
Método.....	21
Resultados	23
Discussão.....	27
Considerações Finais.....	31
Referências.....	31
Artigo II	37
Parentalidade em casais homossexuais	37
Resumo.....	37
Abstract.....	38
Introdução.....	38
Método.....	41

Participantes.....	41
Instrumento.....	43
Procedimentos.....	43
Análise dos dados.....	44
Resultados e Discussão.....	45
Identidade sexual.....	48
Vínculo conjugal.....	50
Processo.....	52
Parentalidade.....	55
Considerações Finais.....	60
Referências.....	62
Anexos.....	68
Anexo A – Aprovação do Comitê de Ética.....	68
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	69

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Descrição resumida dos artigos	23
Tabela 2 – Identificação dos entrevistados	41
Tabela 3 – Domínios, categorias, definição, classificação e síntese dos resultados..	45

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Fluxograma da seleção dos artigos.....	22
---	----

LISTA DE SIGLAS

CQR - Consensual Qualitative Research

EUA - Estados Unidos da América

FCH - Filhos de casais heterossexuais em relacionamento estável

FML - Filhos de mães lésbicas

FPG - Filhos de pais gays

LGBTQ - Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e queer

PACS - Pacto Civil de Solidariedade

PPG - Programa de Pós-Graduação

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

RESUMO

Esta investigação partiu da constatação de que famílias formadas por casais homossexuais, embora em número crescente na sociedade atual, são uma minoria pouco estudada. É uma dissertação de mestrado que está organizada em dois artigos. O primeiro consiste numa revisão sistemática da literatura sobre a parentalidade em casais do mesmo sexo. O segundo artigo é um estudo qualitativo que investigou o processo e a experiência da parentalidade de quatro casais. Os resultados, tanto da revisão como do estudo empírico, sugerem que na parentalidade homossexual não há rigidez no desempenho de papéis e funções parentais, e que pais e mães privilegiam o afeto, o respeito e aceitação das diferenças na relação e na educação dos filhos. A parentalidade revela a maturidade do casal homossexual e implica em enfrentamento de preconceitos que são mais facilmente superados com o apoio social e familiar.

Palavras-chave: parentalidade, homoparentalidade, casais do mesmo sexo, homossexual, família.

ABSTRACT

This research is based on the perception that families formed by same-sex couples are increasingly more common in modern society, but still a less studied minority. This is a master degree dissertation that is organized in two papers. The first paper is a systematic review of the literature on same-sex parenting. The second paper is a qualitative study that aimed to investigate the process and the parenting of four same-sex couples. The results of both papers suggest that parental role are not rigid, and favor affection, respect and acceptance of differences in parent-child relationship and in

childcare. Parenthood reveals maturity as a couple and implies coping with prejudices that are more easily overcome with social and family support.

Keywords: parenthood, same-sex parent, homosexual, family

1. APRESENTAÇÃO

Em decorrência das mudanças econômicas e políticas ocorridas no século XX (Souza & Ramires, 2006), os padrões familiares vêm se modificando e novas modalidades de famílias e possibilidades de relacionamento afetivo-sexual têm surgido. Apesar de atualmente a família nuclear, heterossexual e monogâmica representar a maioria das estruturas familiares (Zambrano, 2006), a heteronormatividade, aos poucos, cede espaço a outros perfis que possibilitam compreender a família além da consanguinidade e do parentesco (Grossi, Uziel, & Mello, 2007), dentre eles a família formada por pares homossexuais.

O assunto já estava em pauta desde 1997 na França quando a Associação de Pais e Futuros Pais de Gays e Lésbicas criou o termo homoparentalidade para definir a parentalidade em casais do mesmo sexo (Robinson, 2012). Dois anos depois foi elaborada uma lei que instituiu o Pacto Civil de Solidariedade (PACS) como um contrato entre duas pessoas, maiores de idade, do mesmo sexo ou de sexo diferente, que organiza a vida mútua (Grossi, Uziel & Mello, 2007). O PACS é, em alguns aspectos, semelhante a um casamento, porém difere em outros, incluindo a ausência de alguns direitos, como pensão, seguridade social e adoção de filhos (Leturcq, 2012).

Em 2001, a Holanda foi o primeiro país a reconhecer a união estável de pessoas do mesmo sexo e a possibilitar a adoção de crianças e adolescentes por estes. Desde então, Bélgica, Espanha, Argentina, Canadá, África do Sul, Noruega, Suécia, Portugal,

Islândia, Dinamarca, Uruguai, Nova Zelândia, França, Inglaterra e 14 estados norte-americanos têm mudado suas legislações e reconhecido o casamento entre casais homossexuais (Fernández & Lutter, 2013). No entanto, em 78 países o relacionamento homossexual ainda é considerado ilegal, sendo que, em cinco destes, os casais são punidos com pena de morte (Itaborahy & Zhu, 2012).

No Brasil o reconhecimento da união estável entre casais do mesmo sexo ocorreu no dia 5 de maio de 2011, quando o Supremo Tribunal Federal julgou a Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4277 e da Arguição de descumprimento de preceito fundamental nº 132, e equiparou a união estável entre pessoas do mesmo sexo à entidade familiar. A legitimação da união concede direitos de pensão alimentícia, herança em caso de falecimento, união com separação de bens e adoção de crianças e adolescentes (Brasil, 2011). Através destas garantias jurídicas tardiamente concedidas, a concretização do desejo de casais homossexuais de constituírem uma família parece tornar-se mais acessível em termos do seu reconhecimento formal. Sabe-se, entretanto, que apesar dos avanços jurídicos, casais homossexuais ainda são, muitas vezes, vistos com desconfiança por uma parcela da sociedade que os julga incapazes de constituir uma família e de cuidar de uma criança.

Uma família, independente da sua configuração, via de regra, implica em formação de uma prole ou descendência. No entanto, casais homossexuais que expressam o desejo da parentalidade deparam-se com a incapacidade de reprodução, visto que, como par, eles são inférteis (Grossi et al., 2007). Conseqüentemente, a busca pela satisfação deste desejo faz com que pais e mães homossexuais recorram a outros métodos que não os naturais para exercer a parentalidade.

A filiação em casais do mesmo sexo é inaugurada e reconhecida através de quatro possibilidades: a) a família recomposta, que se caracteriza por pai ou mãe que

tem um filho de uma relação heterossexual anterior e vive atualmente uma relação homossexual; b) a adoção, realizada apenas por um dos parceiros ou pelo casal; c) a coparentalidade, quando uma pessoa ou um casal homossexual busca alguém do sexo oposto para gerar uma criança e compartilhar o cuidado, exercido de maneira conjunta e legal, porém mantendo a relação homossexual com o parceiro; e d) técnicas de reprodução assistida, quando o filho possui vínculo biológico com um dos pais (Grossi, 2003, Tarnovski, 2013). Neste último caso, o método mais utilizado por mulheres é a reprodução medicamente assistida, enquanto homens se utilizam da gestação de substituição, prática conhecida como barriga de aluguel.

Apesar de estudos sobre esta temática serem incipientes, é crescente o interesse científico em pesquisas com lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e queer (LGBTQ, Frieze & Dittrich, 2013). Portanto, a presente dissertação inserida na linha 1 de pesquisa deste Programa de Pós-Graduação (PPG), “Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterápicas”, busca compreender como ocorre o processo da parentalidade e quais os desafios que casais do mesmo sexo enfrentam para constituir uma família e criar seus filhos. A escolha do tema em questão partiu da experiência prévia da autora, mestranda do PPG em Psicologia da UNISINOS, que conduziu um estudo qualitativo sobre a parentalidade em um casal de lésbicas durante a realização de especialização em Infância e Família na Universidade Federal do Rio Grande do sul. Neste estudo, constatou-se que cada uma das mães possui características específicas e de acordo com estas, exercem a maternidade, não necessariamente desempenhando funções específicas paternas e maternas.

Esta dissertação está dividida em duas seções que apresentam, respectivamente, dois artigos, um de revisão e outro empírico. O artigo “Parentalidade em casais homossexuais: uma revisão sistemática” revisou artigos científicos publicados entre os

anos 2004 e 2014. O artigo empírico “Parentalidade em casais homossexuais” tem como objetivo compreender o processo de constituição e de parentalidade nestes casais, visando contribuir para a redução de estereótipos sociais vinculados a esse tema.

1.1 Referências

- Brasil, Supremo Tribunal Federal. (2011). Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4277 e Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental nº 132. Ministro Ayres Britto. Brasília: Supremo Tribunal Federal.
- Fernández, J. J., & Lutter, M. (2013). Supranational cultural norms, domestic value orientations and the diffusion of same-sex union rights in Europe, 1988-2009. *International Sociology*, 28(1), 102-120.
- Frieze, I. H., & Dittrich, S. (2013). Publication of research in Sex Roles on lesbian, gay, bisexual, transgender, and queer (LGBTQ). *Sex Roles*. [Special issue].
- Grossi, M. P., Uziel, A. P., & Mello, L. (2007). *Conjugalidade, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Itaborahy, L. P., & Zhu, J. (2012). *Homofobia de estado: Un estudio mundial jurídico sobre la criminalización, pretección y reconocimiento del amor entre personas del mismo sexo*. Manuscrito não publicado. Retirado de <http://www.ilga.org>.
- Leturcq, M. (2012). Will you civil union me? Taxation and civil unions in France. *Journal of Public Economics*, 96(5-6), 541-552.
- Robinson, A. (2012). Martine Gross: Choisir la paternite gay. *Recherches Féministes*, 25(2), 206-209. doi: 10.7202/1013536ar
- Souza, R. M., & Ramires, V. R. (2006). *Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças*. São Paulo: Summus.

Tarnovski, F. L. (2013). Parentalidade e gênero em famílias homoparentais francesas. *Cadernos Pagu*, 40, 67-93.

Zambrano, E. (2006). Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. *Horizontes Antropológicos*, 12(26), 123-147.

2. SEÇÃO I – ARTIGO DE REVISÃO DE LITERATURA

Parentalidade em casais homossexuais: Uma revisão sistemática

A systematic review of same-sex parenthood

Resumo

O artigo visa compreender como a parentalidade em casais do mesmo sexo vem sendo investigada na literatura científica mundial. Para tanto, foi realizada uma revisão sistemática da literatura com artigos publicados entre 2004 e 2014, nas bases de dados SciELO, PePSIC e Academic Search Premier, nos idiomas inglês, espanhol, português e francês. Utilizando os descritores *homosexual parent* OR *same-sex parent* OR *homoparental*, foram encontrados inicialmente 252 artigos, dos quais 19 artigos foram considerados elegíveis. Resultados indicam que estudos sobre parentalidade em casais homossexuais ainda são escassos na literatura científica nacional e internacional. No exercício da parentalidade não há rigidez no desempenho de papéis e funções parentais, pais e mães privilegiam o relacionamento afetivo, o respeito e aceitação das diferenças. A importância destes fatores na educação dos filhos pode ser explicada pelo desejo de que os filhos não sofram preconceito social.

Palavras-chave: revisão sistemática, parentalidade, gay, lésbica, casais homossexuais.

Abstract

This paper aims to understand how parenting in same-sex couples has been investigated in scientific literature worldwide. Therefore, we performed a systematic review of literature published between 2004 and 2014 in SciELO, Academic Search Premier PePSIC databases in English, Spanish, Portuguese and French. Using *homosexual*

parent OR same-sex parent OR homoparental as descriptors, a total of 252 papers were found, of which 19 were considered eligible. Results reveal that studies on same sex parenthood are still scarce in national and international scientific literature. In parenting, there is no rigidity in performance and parental roles. Parents favor affective relationship, respect and acceptance of differences. The importance of these factors in childcare can be explained by the desire that their children do not suffer social prejudice.

Keywords: Systematic review, parenting, gay, lesbian, same-sex parent, homosexual.

Em decorrência das mudanças econômicas e políticas ocorridas no século XX os padrões familiares vêm se modificando e novas modalidades de famílias e possibilidades de relacionamento afetivo-sexual têm surgido. Atualmente, diversos perfis familiares podem ser compreendidos além da consanguinidade e do parentesco, dentre eles a família formada por pares homossexuais.

Há pouco mais de duas décadas, casais de gays e lésbicas que tinham a intenção de ter filhos buscavam meios alternativos, como inseminação caseira e adoção como solteiro(a), para vivenciar a parentalidade (Golding, 2006; Kelly, 2010; Patterson, 1992). Porém, com a chegada do século 21 e o reconhecimento legal da união entre homossexuais em diversos países (Fernández & Lutter, 2013), a tendência é de que cada vez mais os casais busquem a parentalidade de maneira conjunta, declarando seus relacionamentos afetivos.

A parentalidade em casais homossexuais pode ser obtida de cinco maneiras: a) na recomposição familiar, que se caracteriza por pai ou mãe que tem um filho de uma relação heterossexual anterior e vive atualmente uma relação homossexual, b) na adoção conjunta ou individual, c) na gestação por substituição, também conhecida como

“barriga de aluguel”, d) em técnicas de reprodução medicamente assistida, e e) através da coparentalidade, que são acordos feitos entre um casal homossexual e outra pessoa ou casal do sexo oposto, não necessariamente homossexual, com a finalidade de procriar e de que este filho cresça tanto no ambiente paterno como materno (Power et al., 2012). Em qualquer uma dessas situações, para realizar o desejo da parentalidade, os casais homossexuais necessitam de uma busca ativa que depende de uma terceira pessoa para sua concretização (Grossi et al., 2007; Passos, 2005; Tarnovski, 2013).

Uma vez que, até a década de 80 a homossexualidade era considerada um transtorno presente inclusive nos manuais de psiquiatria (American Psychiatric Association, 1952; American Psychiatric Association, 1980), diversos estudos sobre parentalidade em casais homossexuais visavam avaliar o bem-estar dos filhos destes casais. Do ponto de vista social, ainda persiste a dúvida se a sexualidade dos pais poderá interferir no desenvolvimento emocional, psíquico, sexual e social dos filhos, a partir disso, o estigma e a discriminação seguem sendo tema de pesquisas científicas na literatura internacional. (Costa et al., 2013; Crouch, Waters, McNair, Power, & Davis, 2014).

Na periferia de São Paulo, lésbicas relatam a dificuldade de assumir sua orientação sexual por medo de reações agressivas da população (Medeiros, 2006). Em Portugal, a população acredita que filhos adotados por casais homossexuais estão mais propensos a desenvolver problemas emocionais e sofrer preconceitos que filhos adotados por casais heterossexuais (Costa et al., 2013). Nos Estados Unidos uma pesquisa destaca o sentimento de discriminação percebido por lésbicas durante o processo de adoção, sendo que 81% das entrevistadas afirmaram que omitiram informações com o intuito de obter a adoção (Shelley-Sireci & Ciano-Boyce 2002). Casais que buscam adoção, especialmente em cidades de menor porte, encontram mais

dificuldades e obtêm menor suporte dos profissionais envolvidos neste processo (Kinkler & Goldberg, 2011). Apesar destes resultados, que indicam uma expectativa negativa da população sobre a parentalidade de casais homossexuais, diversas pesquisas mostram que não há diferença entre o nível de bem-estar e desenvolvimento emocional de filhos de casais homossexuais e heterossexuais (Fond, Franc, & Purper-Ouakil, 2012; Goldberg, Smith, & Kashy, 2010; Golombok et al., 2013; Rivers, Poteat, & Noret 2008). Compreendendo que diversas pesquisas já desmistificaram esta afirmativa (Golombok et al., 2013; Manning, Fetto, & Lamidi, 2014; Patterson, 1992; Patterson, 1994; Potter, 2012) este artigo utilizará a expressão “parentalidade em casais do mesmo sexo” ou “parentalidade em casais homossexuais” e não “homoparentalidade”.

Outro estudo, detectou que acadêmicos de diversos cursos das ciências humanas, da ciência da saúde e do direito consideraram a filiação de casais heterossexuais como mais positiva que de casais homossexuais (Gato, Freitas, & Fontaine, 2012).

Diversas terminologias têm sido utilizadas para conceituar paternidade, maternidade, filiação e relação conjugal homossexual, porém estes termos se originam e fazem sentido apenas em relações heterossexuais (Goldberg & Smith, 2011; Grossi, Uziel e Mello, 2007). Desta forma, a Associação de Pais e Futuros Pais de Gays e Lésbicas da França, criou em 1997 o termo “homoparentalidade” que compete a parentalidade em casais homossexuais (Robinson, 2012). Embora fique explícito a finalidade à que propõe, o termo é questionado por pesquisadores, pois sugere que a sexualidade dos pais está relacionada a parentalidade e influencia diretamente no modo como esta será exercida (Vilhena, Souza, Uziel, Zamora, & Novaes, 2011).

Com o objetivo de contribuir para um avanço no conhecimento da parentalidade em casais homossexuais e instrumentalizar os profissionais que trabalham diretamente

com esta população, este estudo pretende fazer uma revisão na literatura e apresentar os achados científicos nacionais e internacionais sobre a temática. Esta revisão pretende compreender como se expressa o desejo e a constituição da parentalidade, as relações parentais e filiais e o desenvolvimento dos filhos de gays e lésbicas.

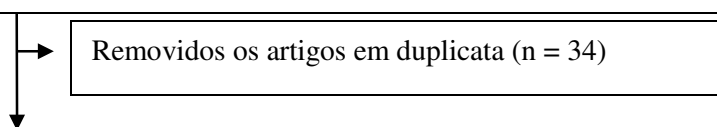
Método

Foi realizada uma revisão sistemática da literatura nas bases de dados SciELO, PePSIC e *Academic Search Premier*, com os termos *homosexual parent*, *same-sex parent* e *homoparental*. Para a inclusão dos artigos foram empregados os seguintes critérios: estudos empíricos, revisados por pares, publicados entre maio de 2004 e maio de 2014, nos idiomas inglês, português, francês e espanhol, que investigavam a parentalidade em casais homossexuais. Foram excluídos artigos em duplicata, artigos teóricos, artigos em outros idiomas, artigos que não forneciam acesso ao texto completo, cartas, editoriais e resenhas, artigos empíricos que não se referiam ao tema investigado e artigos que não apresentavam a metodologia utilizada.

Foram identificados inicialmente 252 artigos, dos quais 34 eram duplicatas. Após a exclusão destes, os 218 resumos foram examinados com base nos critérios de inclusão e exclusão. Quando a leitura dos resumos não era suficiente para determinar a inclusão ou exclusão do artigo, o texto completo foi examinado. Após estes procedimentos, foram considerados elegíveis 19 artigos, que irão compor a revisão. A análise dos resultados incluiu a descrição dos artigos em termos de autoria, ano de publicação, países onde os dados foram coletados, participantes, delineamento, objetivos e principais resultados. A figura 1 apresenta o fluxograma da revisão incluindo todas as etapas realizadas para a seleção dos artigos.

Descritores

Bases de dados	Homossexual parent	Same-sex parent	Homoparental	Total
SciELO	10	0	15	25
PePSIC	6	0	9	15
Academic Search Premier	39	170	3	212
Total	55	170	27	252



Artigos excluídos após leitura dos resumos (n = 218)

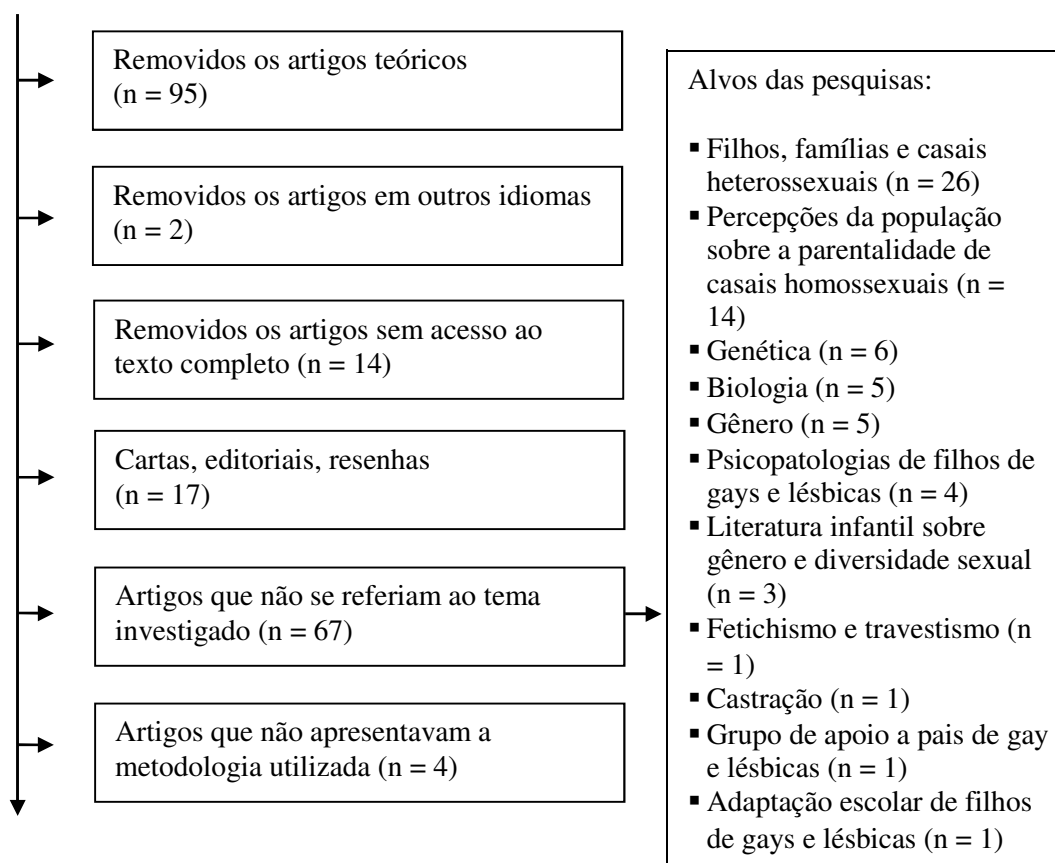


Figura 1 – Fluxograma da seleção dos artigos

Resultados

Foram encontrados um total de 19 artigos empíricos que preencheram os critérios de inclusão adotados. A tabela 1 apresenta uma descrição resumida destes estudos.

Tabela 1 – Descrição resumida dos artigos

Autoria e Ano	País(es)	Participantes	Objetivos
Perlesz & McNair (2004)	Austrália	Mães lésbicas (n = 151)	Relatar a experiência da parentalidade e da vida familiar em famílias formadas por casais de lésbicas
Wainrigh, Russell & Patterson (2004)	EUA	Filhos de casais homossexuais e heterossexuais (n = 88)	Examinar associações entre relacionamento familiar, ajustamento psicológico, rendimento escolar, comportamento e atração sexual entre adolescentes que vivem nestas configurações familiares
Medeiros (2006)	Brasil	Casal de mães lésbicas (n = 1)	Refletir sobre a conjugalidade, o relacionamento com as filhas, a família extensa e o ex-marido em uma família recomposta, formada por duas mulheres e as filhas biológicas de uma delas
Goldberg & Allen (2007)	EUA	Mães lésbicas (n = 60)	Percepção de mães lésbicas sobre a presença masculina na parentalidade
Averett, Nalavany & Ryan (2009)	EUA	Filhos de casais homossexuais e heterossexuais (n = 1384)	Explorar problemas emocionais e de comportamento em filhos adotivos de homossexuais e heterossexuais
Ryan & Berkowitz (2009)	EUA	Casais homossexuais com filhos (n = 40)	Entender como estes casais constroem suas famílias em uma sociedade heterossexista
Erich,	EUA	Famílias	Investigar a relação entre pais, mães e

Kanenberg, Case, Allen & Bogdanos (2009)		formadas por casais homossexuais, heterossexuais e seus filhos (n = 154)	filhos adotivos
Rodriguez & Paiva (2009)	Brasil	Casais homossexuais e seus filhos (n = 2)	Investigar o exercício da parentalidade, analisando relacionamentos e papéis desempenhados em um casal de gays e um casal de lésbicas
Bos (2010)	Holanda	Pais gays e pais heterossexuais (n = 72)	Examinar se há diferenças no relacionamento entre pais e filhos, no nível de estresse dos pais e no bem-estar da criança nas famílias formadas por casais gays e casais heterossexuais
Gartrell & Bos (2010)	EUA	Famílias formadas por mães lésbicas e seus filhos (n = 78)	Documentar o ajustamento psicológico de adolescentes filhos de lésbicas que foram concebidos através de inseminação artificial
Martinez & Barbieri (2011)	Brasil	Família formada por um casal de lésbicas e o filho biológico de uma delas (n= 1)	Entender como é desempenhada a função materna nesta família
Gartrell, Bos, Peyser, Deck & Rodas (2011)	EUA	Famílias formadas por casais de lésbicas e seus filhos (n = 40)	Investigar o bem-estar psicológico e a guarda dos filhos após a dissolução do casamento das mães
Power, Perlesz, Mcnair, Schofield, Pitts, Brown & Bickerdike (2012)	Austrália e Nova Zelândia	Pais gays, bissexuais, transgêneros e outros (n = 88)	Entender o processo da parentalidade e as implicações nas relações familiares
Goldberg,	EUA	Casais de	Motivação para parentalidade e razões

Downing & Moyer (2012)		gays (n = 35)	para concretiza-la neste momento de vida
Goldberg, Kashy & Smith (2012)	EUA	Casais homossexuais e heterossexuais e seus filhos (n = 126)	Examinar se a configuração familiar influencia na expressão mais característica do gênero da criança
Regnerus (2012a)	EUA	Filhos de casais homossexuais e heterossexuais em diferentes configurações familiares (n = 2988)	Comparar características sociais, emocionais e relacionais de jovens adultos que na infância e adolescência viveram em diferentes configurações familiares
Regnerus (2012b)	EUA	Filhos de casais homossexuais e heterossexuais em diferentes configurações familiares (n = 2988)	Apresentar novas análises sobre a pesquisa anterior
Goldberg & Allen (2013)	EUA	Filhos de gays, lésbicas e bissexuais (n = 20)	Examinar a percepção que os filhos têm sobre a relação parental após o término desta e sua relação com novas madrastas, padrastos e meios-irmãos
Oliva, Arranz, Parra & Olabarrieta (2014)	Espanha	Famílias formadas por casais homossexuais, heterossexuais e seus filhos (n = 214)	Comparar a qualidade da relação familiar e o ajustamento interno e externo de crianças que vivem em diversos tipos de estruturas familiares

Em relação aos descritores, observou-se que o termo mais utilizado para referir a parentalidade entre casais homossexuais em inglês é “same-sex parent”, que não une as palavras que definem sexualidade e parentalidade, enquanto que nos idiomas português e francês os termos “homoparentalidade” e “homoparentalité” são preferidos.

Considerando a autoria dos artigos, constatou-se que oito autores publicaram mais de uma pesquisa no período analisado. A norte-americana Goldberg, professora do Departamento de Psicologia da Clark University, de Massachusetts, EUA, foi quem mais publicou totalizando quatro artigos (Golberg & Allen, 2007; Golberg & Allen, 2013; Goldberg, Downing, & Moyer, 2012; Goldberg, Kashy, & Smith, 2012). O pesquisador Regnerus (2012a, 2012b) publicou dois artigos no período investigado e ambos fazem parte desta revisão. O primeiro artigo publicado recebeu diversas críticas e levou o pesquisador a apresentar novas análises apresentadas no estudo seguinte.

Quinze pesquisas foram publicadas entre 2009 e 2014, sendo que 2012 foi o ano que concentrou o maior número de artigos, cinco. Verificou-se o predomínio de estudos norte-americanos com 12 artigos publicados, seguido do Brasil, com três artigos, e Austrália, com dois artigos, sendo que um destes foi realizado junto com a Nova Zelândia. Espanha e Holanda apresentaram apenas um estudo.

Analisando os participantes dos artigos apresentados, chega-se a conclusão de que em quatro destes o público alvo foi o casal, em cinco a família e em dez o indivíduo. Seis pesquisas investigaram mães lésbicas, sendo que, em três destas os participantes foram as mães e seus filhos. Cinco pesquisas analisaram apenas os filhos dos casais, sendo quatro estudos com filhos de homossexuais e heterossexuais e uma com filhos de lésbicas. Duas pesquisas estudaram os pais gays e, em uma destas, pais gays e heterossexuais. Duas investigaram pais e mães homossexuais, duas analisaram

famílias formadas por casais homossexuais, heterossexuais e seus filhos. Uma estudou casais de gays sem filhos e outra comparou pais e mães homossexuais e heterossexuais.

Do total de artigos analisados apenas um realizou pesquisa etnográfica enquanto os demais utilizaram o delineamento transversal, onde as informações coletadas visavam caracterizar aquele momento no tempo. Três artigos apresentaram dados quantitativos e qualitativos, sete apresentaram dados qualitativos, visando compreender aspectos singulares de cada caso e nove artigos apresentaram dados quantitativos, com a possibilidade de generalizar os resultados obtidos.

Considerando os eixos temáticos das investigações, constatou-se que nove estudos tiveram por objetivo comparar filhos de casais homossexuais e heterossexuais, sete buscavam compreender a relação entre pais, mães e filhos e os papéis desempenhados por eles e três tiveram como objetivo estudar a parentalidade, investigando motivações, maneiras de alcançar a parentalidade e o contexto social.

Discussão

Considerando as bases de dados pesquisadas e os descritores utilizados, o resultado desta revisão sistemática indica que estudos sobre parentalidade em casais homossexuais ainda são escassos na literatura científica nacional e internacional. A pequena quantidade de pesquisas pode estar associada ao recente reconhecimento legal da união entre homossexuais na esfera mundial que possibilita facilitar o alcance destes casais à parentalidade. Apesar da legitimação destas uniões serem incipientes, é crescente o número de países que concordam e se posicionam favoráveis às famílias formadas por pares homossexuais, sugerindo que cada vez mais serão necessárias pesquisas científicas com o intuito de compreender esta realidade.

A maioria das pesquisas foram desenvolvidas com o objetivo de analisar particularidades do desenvolvimento dos filhos de casais homossexuais verificando a influência da sexualidade dos pais no ajustamento psicológico, na relação familiar, no comportamento, na sexualidade, no bem-estar, no rendimento escolar e nas relações sociais dos filhos. Os resultados das pesquisas apontam que não é a sexualidade dos pais e das mães que determinam o bem-estar e o ajustamento psicológico dos filhos (Bos, 2010; Erich, Kanenberg, Case, Allen, & Bogdanos, 2009; Gartrell & Bos, 2010; Oliva, Arranz, Parra, & Olabarrieta, 2014; Perlesz & McNair, 2004; Wainrigh, Russell, & Patterson, 2004), e que um ambiente afetivo, estimulante, livre de conflito e estresse apresentam maiores influências nestes aspectos (Oliva et al., 2014).

No entanto, uma das pesquisas revela diferenças significativas no bem-estar e desenvolvimento de filhos de homossexuais e heterossexuais, afirmando que filhos de gays e lésbicas apresentam maiores chances de sofrerem abuso sexual, de estarem abertos a relações homossexuais, de apresentarem comportamento de risco à saúde e/ou a integridade física que filhos de pais heterossexuais que vivem um relacionamento estável (Regnerus, 2012a). Contrapondo estes dados, três pesquisas comparativas atentam que não há diferenças significativas no bem-estar de filhos de homossexuais e heterossexuais (Averett, Nalavany, & Ryan, 2009; Bos, 2010; Erich et al., 2009), que a qualidade de vida está relacionada a boa relação parental (Erich et al., 2009) e que os fatores de risco de problemas emocionais e de comportamento são semelhantes em filhos adotivos de ambas configurações familiares (Averett et al., 2009). O autor que apresentou dados que sugerem que a parentalidade em casais homossexuais não é favorável ao desenvolvimento dos filhos realizou análises adicionais de sua pesquisa e concluiu que a estabilidade no relacionamento dos pais é preditora de um bom

desenvolvimento dos filhos e que a maioria dos entrevistados relatou sucesso em diversas áreas da vida independente da configuração familiar (Regnerus, 2012b).

No exercício da parentalidade, gays e lésbicas são flexíveis quanto aos papéis desempenhados (Perlesz & McNair, 2004; Rodriguez & Paiva, 2009) e valorizam na educação dos filhos a liberdade de escolha, o respeito, a integração familiar (Perlesz & McNair, 2004) e a aceitação das diferenças (Goldberg, Downing, et al., 2012; Rodriguez & Paiva, 2009). A parentalidade geralmente foi motivada pelo desejo de dar um bom lar para a criança e o momento ideal de tornar-se pai está relacionado à idade, situação financeira e a fase do relacionamento do casal (Goldberg, Downing, et al., 2012). Um dos aspectos importantes na escolha do parceiro da coparentalidade, do sêmen na inseminação ou do filho na adoção foram que este apresentasse característica física semelhante a um dos pais ou mães para minimizar a diferença (Ryan & Berkowitz, 2009).

Na relação parental, um estudo de caso que analisou a função materna em um casal de lésbicas com filho biológico destacou que a maternagem era, na maioria das vezes, desempenhada pela mãe não biológica (Martinez & Barbieri, 2011). Pesquisas revelaram ainda que pais gays se sentem menos competentes para criar uma criança que pais heterossexuais (Bos, 2010) e que a maioria das mães lésbicas deseja algum nível de envolvimento de um homem para servir como modelo para os filhos (Goldberg & Allen, 2007).

Foram encontradas diversas formas de alcançar e vivenciar a parentalidade em gays, bissexuais e transgêneros, e apesar das diferentes configurações familiares, estas não influenciaram a frequência com que os pais mantiveram contato com seus filhos, já que 45% cuidavam deles em tempo integral (Power et al., 2012). Estudos que avaliaram a relação entre mães e filhos quando os casais se separaram concluíram que houve um

esforço dos pares para manter um relacionamento amigável, com guarda compartilhada (Gartrell, Bos, Peyser, Deck & Rodas, 2011) e buscando o contato igualitário com o filho (Goldberg & Allen, 2013). Quando a guarda não foi compartilhada, a preferência foi dada à mãe biológica e o distanciamento da residência das duas mães resultou no prejuízo da relação entre a outra mãe e o filho (Goldberg & Allen, 2013). Nos casos de adoção, os filhos mantiveram bom relacionamento com as mães, especialmente quando a adoção foi realizada pelas duas (Gartrell et al., 2011). De modo geral os filhos se mostraram bem adaptados às novas configurações familiares após a separação (Goldberg & Allen, 2013).

Pesquisas apontam que o comportamento (Averett et al., 2009), o rendimento escolar e a atração sexual dos filhos não estão associados a sexualidade dos pais (Wainrigh et al., 2004). Quando rendimento escolar e comportamento foram comparados entre filhos de heterossexuais e de lésbicas, o segundo grupo apresentou melhores resultados (Gartrell & Bos, 2010), sendo a relação próxima entre pais e filhos um dos fatores relacionado ao bom desempenho escolar (Wainrigh et al., 2004). Um estudo que correlaciona gênero e estereótipo de filhos de homossexuais e heterossexuais indica que filhos de homossexuais apresentam comportamento menos identificado com seu gênero-estereótipo que de heterossexuais, destacando que meninos filhos de lésbicas têm comportamento menos masculino que filhos de gays e heterossexuais (Goldberg, Kashy et al., 2012).

Nas relações sociais, famílias formadas por pares homossexuais relataram medo de sofrer preconceito social e da família de origem (Medeiros, 2006; Rodriguez & Paiva, 2009; Ryan & Berkowitz, 2009). Em um dos casos, a assunção da homossexualidade da mãe biológica resultou no afastamento do pai biológico das filhas

(Medeiros, 2006) enquanto em outros a parentalidade resultou na aproximação da família de origem (Power et al., 2012).

Considerações Finais

Os resultados das pesquisas apontam que a sexualidade dos pais e das mães não é fator determinante no bem-estar e ajustamento psicológico dos seus filhos, mas sim o ambiente em que vivem. No exercício da parentalidade não há rigidez no desempenho de papéis e funções parentais e nem imposições de que o filho tenha atitudes estritamente de acordo com seu gênero. Os pais e mães buscam manter um relacionamento próximo com os filhos, privilegiando na sua educação o respeito e aceitação das diferenças, mesmo após a separação dos cônjuges. A importância destes fatores na educação dos filhos pode ser explicada pelo desejo de que os filhos não vivenciem situações de preconceito e afastamento social que foi vivida ou temida por estes pais e mães em momentos anteriores.

São necessários estudos científicos que examinem as experiências da parentalidade de casais homossexuais e, que pesquisadores difundam este conhecimento não apenas para a comunidade científica, mas, sobretudo, para a população geral.

Referências

- American Psychiatric Association. (1952). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. Washington, DC: Author.
- American Psychiatric Association. (1980). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (3th ed.). Washington, DC: Author.
- Averett, P., Nalavany, B., & Ryan, S. (2009). An evaluation of gay/lesbian and heterosexual adoption. *Adoption Quarterly*, 12, 129-151.
doi:10.1080/10926750903313278

- Bos, H. H. M. W. (2010). Planned gay father families in kinship arrangements. *Australian & New Zealand Journal of Family Therapy*, *31*(4), 356-371.
doi:10.1375/anft.31.4.356
- Costa A. C., Caldeira S., Fernandes I., Rita C., Pereira H., & Leal I. (2013). Atitudes da população portuguesa em relação à homoparentalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica* *26*(4), 790-798. doi:10.1590/S0102-79722013000400020
- Crouch, S. R., Waters E., McNair R., Power J., & Davis E. (2014). Parent-reported measures of child health and wellbeing in same-sex parent families: A cross-sectional survey. *BMC Public Health*, *14*, 2-12. doi:10.1186/1471-2458-14-635
- Erich, S., Kanenberg, H., Case, K., Allen, T., & Bogdanos, T. (2009). An empirical analysis of factors affecting adolescent attachment in adoptive families with homosexual and straight parents. *Children and Youth Services Review*, *31*, 398-404.
doi:10.1016/j.chilyouth.2008.09.004
- Fernández, J. J., & Lutter, M. (2013). Supranational cultural norms, domestic value orientations and the diffusion of same-sex union rights in Europe, 1988-2009. *International Sociology*, *28*(1), 102-120. doi:10.1177/0268580912466881
- Fond, G., Franc, N., & Purper-Ouakil, D. (2012). Homoparentalité et développement de l'enfant: données actuelles. *L'Encéphale*, *38*, 10-15.
doi:10.1016/j.encep.2011.05.005
- Gartrell, N., & Bos, H. (2010). US national longitudinal lesbian family study: Psychological adjustment of 17-year-old adolescents. *Pediatrics*, *126*(3), 28-36.
doi:10.1542/peds.2009-3153
- Gartrell, N., Bos, H., Peyser, H., Deck, A., & Rodas, C. (2011). Family characteristics, custody arrangements, and adolescent psychological well-being after lesbian mothers break up. *Family Relations*, *60*, 572-585. doi:10.1111/j.1741-3729.2011.00667.x

- Gato, J., Freitas, D., & Fontaine, A. M. (2012). Atitudes relativamente à homoparentalidade de futuros/as intervenientes da rede social. *Psicologia*, *26*(1), 71-95.
- Goldberg, A. E., & Allen, K. R. (2007). Imagining men: Lesbian mother's perceptions of male involvement during the transition to parenthood. *Journal of Marriage and Family*, *69*, 352-365. doi:10.1111/j.1741-3737.2007.00370.x
- Goldberg, A. E., & Allen, K. R. (2013). Same-sex relationship dissolution and LGB stepfamily formation: Perspectives of young adults with LGB parents. *Family Relations*, *62*, 529-544. doi:10.1111/fare.12024
- Goldberg, A. E., Downing, J. B., & Moyer, A. M. (2012). Why parenthood, and why now? Gay men's motivations for pursuing parenthood. *Family Relations*, *61*, 157-174. doi:10.1111/j.1741-3729.2011.00687.x
- Goldberg, A. E., Kashy, D. A., & Smith, J. Z. (2012). Gender-typed play behavior in early childhood: Adopted children with lesbian, gay, and heterosexual parents. *Sex Roles*, *67*, 503-515. doi:10.1007/s11199-012-0198-3
- Goldberg, A. E., Smith, J. Z., & Kashy, D. A. (2010). Pre-adoptive factors predicting lesbian, gay, and heterosexual couples' relationship quality across the transition to adoptive parenthood. *Journal of Family Psychology*, *24*, 221-232. doi:10.1037/a0019615
- Goldberg, A., & Smith, J. (2011). Stigma, Social Context, and Mental Health: Lesbian and Gay Couples Across the Transition to Adoptive Parenthood. *Journal of Counseling Psychology*, *58*(1), 139-150. doi:10.1037/a0021684
- Golding, A. C. (2006). Redefining the nuclear family: An exploration of resiliency in lesbian parents. *Journal of Feminist Family Therapy*, *18*(1/2), 35-65. doi:10.1300/J086v18n01_02

- Golombok, S., Mellish, L., Jennings, S., Casey, P., Tasker, F., & Lamb M. E. (2013). Adoptive gay father families: Parent–child relationships and children's psychological adjustment. *Child Development, 85*(2), 456-468. doi:10.1111/cdev.12155
- Grossi, M., Uziel, A. P., & Mello, L. (2007). *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Kelly, F. (2010). An alternative conception: The legality of home insemination under Canada's assisted human reproduction act. *Canadian Journal of Family Law, 26*, 149-170.
- Kinkler, L., & Goldberg, A. E. (2011). Working with what we've got: Perceptions of barriers and supports among small-metropolitan-area same-sex adopting couples. *Family Relations, 60*, 387-403. doi:10.1111/j.1741-3729.2011.00654.x
- Manning, W. D., Fetto, M. N., & Lamidi, E. (2014). Child well-being in same-sex parent families: Review of research prepared for American Sociological Association Amicus Brief. *Population Research and Policy Review, 33*(4), 485-502. doi:10.1007/s11113-014-9329-6
- Martinez, A. L. M., & Barbieri, V. (2011). A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina. *Estudos de Psicologia, 28*(2), 175-185. doi:10.1590/S0103-166X2011000200005
- Medeiros, C. M. (2006). “Uma família de mulheres”: Ensaio etnográfico sobre homoparentalidade na periferia de São Paulo. *Estudos Feministas, 14*(2), 535-547.
- Oliva, A., Arranz, E., Parra, A., & Olabarrieta, F. (2014). Family structure and child adjustment in Spain. *Journal of Child & Family Studies, 23*, 10-19. doi:10.1007/s10826-012-9681-2
- Passos, M. C. (2005). Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família. *Psicologia Clinica, 17*(2), 31-40. doi:10.1590/S0103-56652005000200003

- Patterson, C. J. (1992). Children of lesbian and gay parents. *Child Development, 63*(5), 1025-1042.
- Patterson, C. J. (1994). Children of the lesbian baby boom: Behavioral adjustment, self-concepts, and sex-role identity. In B. Greene & G. Herek (Eds.), *Contemporary perspectives on lesbian and gay Psychology: Theory, research, and applications* (pp. 156-175). Beverly Hills, Estados Unidos: Sage.
- Perlesz, A., & McNair, R. (2004). Lesbian parenting: Insider's voices. *Australian & New Zealand Journal of Family Therapy, 25*(2), 129-140.
- Potter, D. (2012). Same-Sex Parent Families and Children's Academic Achievement. *Journal of Marriage and Family, 74*, 556- 571. doi:10.1111/j.1741-3737.2012.00966.x
- Power, J., Perlesz, A., McNair, R., Schofield, M., Pitts, M., Brown, R., & Bickerdike, A. (2012). Gay and bisexual dads and diversity: Fathers in the Work, Love, Play study. *Journal of Family Studies, 18*(2-3), 143-154.
- Regnerus, M. (2012a). How different are the adult children of parents who have same-sex relationships? Findings from the New Family Structures Study. *Social Science Research, 41*, 752-770. doi:10.1016/j.ssresearch.2012.03.009
- Regnerus, M. (2012b). Parental same-sex relationships, family instability, and subsequent life outcomes for adult children: Answering critics of the New Family Structures study with additional analyses. *Social Science Research, 41*, 1367-1377. doi:10.1016/j.ssresearch.2012.08.015
- Rivers, I., Poteat, V. P., & Noret, N. (2008). Victimization, social support, and psychosocial functioning among children of same/sex and opposite/sex couples in the United Kingdom. *Developmental Psychology, 44*(1), 127-134. doi:10.1037/0012-1649.44.1.127

- Robinson, A. (2012). Martine Gross: Choisir la paternite gay. *Recherches Féministes*, 25(2), 206-209. doi:10.7202/1013536ar
- Rodriguez, B. C., & Paiva, M. L. S. C. (2009). Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental. *Vínculo*, 1(6), 13-25.
- Ryan, M., & Berkowitz, D. (2009). Constructing gay and lesbian parent families “beyond the closet”. *Qualitative Sociology*, 32, 153-172. doi:10.1007/s11133-009-9124-6
- Shelley-Sireci, L. M. & Ciano-Boyce, C. (2002). Becoming lesbian adoptive parents: An exploratory study of lesbian adoptive, lesbian birth, and heterosexual adoptive mothers. *Adoption Quarterly*, 6, 33-43.
- Tarnovski, F. L. (2013). Parentalidade e gênero em famílias homoparentais francesas. *Cadernos Pagu*, 40, 67-93.
- Vilhena, J., Souza, A. C. B., Uziel, A. P., Zamora, M. H., & Novaes, J. V. (2011). Que família? Provocações a partir da homoparentalidade. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 11(4), 1639-1658.
- Wainright, J. L., Russell, S. T., & Patterson, C. J. (2004). Psychosocial adjustment, school outcomes, and romantic relationships of adolescents with same-sex parents. *Child Development*, 75(6), 1886-1898.

2.SEÇÃO II – ARTIGO EMPÍRICO

Parentalidade em casais homossexuais

Same-sex parenthood

Resumo

Este estudo visa compreender o processo de constituição e de exercício da parentalidade em casais homossexuais, visando ampliar o conhecimento científico e contribuir para a diminuição de preconceitos e estereótipos sobre o tema. Foram entrevistados quatro casais, com idades entre 30 e 50 anos, sendo três casais de homens que adotaram seus filhos e um casal de mulheres que engravidou através da fertilização in vitro. Os dados foram avaliados através da *Consensual Qualitative Research (CQR)* um método que apresenta pressupostos epistemológicos construtivistas com características pós-positivistas. A análise de conteúdo realizada através do CQR gerou 29 categorias, organizadas em quatro domínios: identidade sexual, vínculo conjugal, processo e parentalidade. Os resultados, de modo geral, sugerem que a parentalidade em casais do mesmo sexo é exercida com satisfação e responsabilidade; revela a maturidade do casal; é facilitada pelo apoio e complicada pelo preconceito social; caracteriza-se pela flexibilidade nos papéis parentais; e prioriza a transmissão de valores de liberdade e respeito às diferenças.

Palavras-chave: pesquisa qualitativa consensual, casais homossexuais, homoparentalidade, parentalidade, família

Abstract

This study aims to understand the process of constitution and exercise of parenthood in homosexual couples, in order to increase scientific knowledge and contribute to the reduction of prejudices and stereotypes on the subject. We interviewed four couples, aged between 30 and 50 years, three gay couples who adopted their children and a couple lesbians who became pregnant through in vitro fertilization. The data were analyzed by Consensual Qualitative Research (CQR), a method based on constructivist epistemological assumptions with post-positivist features. Content analysis with CQR generated 29 categories, grouped into four areas: sexual identity, marital bond, process and parenting. Overall results suggest that same-sex parenting: is experienced with satisfaction and responsibility; reveals the maturity of the couple; is facilitated by social support and complicated by social prejudice; is characterized by flexibility in parental roles; gives priority the transmission of values of freedom and respect for differences.

Keywords: consensual qualitative research, same-sex parent, homosexual couples, parenthood, family

Uma família, seja heteronormativa, monoparental ou formada por casais homossexuais, via de regra, implica em formação de uma prole ou descendência. No entanto, casais homossexuais que expressam o desejo da parentalidade deparam-se com a incapacidade de reprodução, visto que, como par, eles são inférteis (Grossi, Uziel, Mello, 2007). A partir disto, a busca pela satisfação deste desejo, faz com que pais e mães homossexuais recorram a outros métodos que não os naturais para exercer a parentalidade.

Apesar dos avanços jurídicos, casais homossexuais ainda são, muitas vezes, vistos com desconfiança por uma parcela da sociedade que, impactada pela diferença –

ou pela ausência dela –, os julga incapazes de constituir uma família. Por outro lado, no meio acadêmico questiona-se a dicotomia homo/heterossexual para designar diferentes modos de ser pai ou mãe (Vilhena, Souza, Uziel, Zamora, & Novaes, 2011). Sendo assim, surge a necessidade de investigar como ocorre o processo da parentalidade e que desafios os casais homossexuais enfrentam para constituir uma família.

Pesquisas norte-americanas apontam que o desejo da parentalidade existe tanto em casais homossexuais masculinos (D’Augelli, Rendina, & Sinclair, 2007; Gates, Badgett, Macomber, & Chambers, 2007) como em femininos (Goldberg, Downing, & Moyer, 2012). Riskind e Patterson (2010) investigaram desejos, intenções e atitudes para com a parentalidade em gays e lésbicas, pareados quanto a gênero, idade, etnia e nível de escolaridade com heterossexuais. Embora esses casais tenham apresentado menor desejo de parentalidade do que casal heterossexual, neles este desejo também foi proeminente, contrariando o estereótipo de que gays e lésbicas não desejam ter filhos. Por outro lado, um estudo desenvolvido em Israel com gays sem filhos revela o quão difícil eles imaginam que seja vivenciar uma relação conjugal e parental (Shenkman, 2012). Dos 183 entrevistados 68,2% tem o desejo de serem pais, mas apenas 31% acreditam ter grandes chances de concretizá-lo. Entre aqueles que não estavam em relacionamentos estáveis, 91% desejavam formar um casal, mas apenas 43,2% acreditavam tornar isso possível.

No Brasil, um levantamento bibliográfico sobre parentalidade em casais do mesmo sexo nas bases de dados Bireme e Periodicos CAPES demonstra a escassez de pesquisas empíricas sobre este assunto na área da psicologia, o que pode, de alguma maneira, contribuir para os preconceitos existentes na sociedade sobre a parentalidade de gays e lésbicas. De modo geral, os estudos brasileiros sobre a parentalidade homossexual indicam que, neste contexto, a difícil tarefa de tornar-se pai ou mãe pode

ser complicada por entraves jurídicos-legais e preconceito social. Rodriguez e Paiva (2009) relataram o caso de dois casais, um casal feminino e outro masculino, responsáveis por ao menos uma criança. Em ambos os casos, as crianças eram fruto de relacionamentos heterossexuais anteriores. Foi observado que existe nestes casais a flexibilidade de papéis, sendo que ambos os cônjuges alternavam atividades consideradas socialmente como masculinas e femininas. O preconceito e a ausência de uma rede de apoio parecem causar uma maior angústia no exercício da parentalidade neste contexto. Santos (2004) realizou estudo para compreender como casais homossexuais viveram a parentalidade. Os resultados indicam que, entre esses casais foram amplas as preparações psíquicas e socioeconômicas para a chegada da criança. O preconceito da sociedade marca essa experiência nas suas diferentes etapas. Corrêa (2012) investigou as concepções sobre a parentalidade em 12 lésbicas que buscam a gravidez por meio de doadores de sêmen. Os resultados indicaram que a vivência da maternidade nestas mulheres possui influência de múltiplos fatores, como o pessoal, o social, o jurídico-legal e o econômico. Conclui que, em uma sociedade heteronormativa, para a mulher assumir a homossexualidade e, ao mesmo tempo a maternidade, ela precisa percorrer um árduo caminho que inclui, entre outros aspectos, a luta pelos direitos humanos e cidadania.

Depreende-se da literatura que, embora gays e lésbicas manifestem desejo da parentalidade, a realização desse desejo parece dificultada por condições biológicas – a infertilidade como casal –, psicológicas – “sair do armário” –, sociais – preconceito e ausência de apoio social –, entre outras. Há, entretanto, poucos estudos sobre as especificidades da parentalidade nestes casais. Sendo assim, esta pesquisa visa compreender o processo de constituição e de exercício da parentalidade em casais

homossexuais, visando ampliar o conhecimento científico e contribuir para a diminuição de preconceitos e estereótipos sobre o tema.

Método

Participantes

Quatro casais, com idades entre 30 e 50 anos participaram do estudo, sendo três casais de homens que adotaram seus filhos e um casal de mulheres que engravidou através da fertilização in vitro. A Tabela 2 apresenta a identificação dos entrevistados caracterizando seus nomes, idade, tempo de relação, quantidade de filhos e método utilizado para alcançar a parentalidade.

Tabela 2 - Identificação dos entrevistados

Nome	Idade	Tempo de relação	Filho(s)	Método
Alex e André Casal A	35 anos e 41 anos	16 anos	Um menino de 4 anos	Adoção
Bruno e Bernardo Casal B	45 anos e 50 anos	19 anos	Dois meninos de 14 e 8 anos	Adoção
Carlos e César Casal C	36 anos e 42 anos	11 anos	Dois meninos de 9 e 4 anos e uma menina de 6 anos	Adoção
Daniela e Denise Casal D	30 anos e 44 anos	8 anos	Um menino e uma menina de 6 meses	Fertilização in vitro

Uma das mulheres foi casada com um homem durante dez anos e um dos homens teve um relacionamento de sete anos com uma mulher e de três anos com outro homem. Os demais participantes apenas tiveram relacionamentos estáveis com os atuais parceiros, entre oito e 19 anos. Todos os participantes eram brancos ou pardos,

trabalhavam e/ou cursavam ensino superior, eram de classe média ou média alta, não tinham filhos de outras relações e residiam na região metropolitana de Porto Alegre – RS.

Os casais tiveram filhos com idades e características variadas. O casal A adotou um menino aos três meses que hoje está com quatro anos, o casal B adotou dois irmãos há quatro anos que hoje tem oito e 14 anos, o casal C adotou há 2 anos e seis meses três irmãos, sendo dois meninos de nove e quatro anos e uma menina de seis anos e o casal D gerou gêmeos, um menino e uma menina de seis meses. O tempo de espera de entrada na fila de adoção ou o início do processo de fertilização variou de dez meses a três anos e seis meses. A exceção foi o casal C que ao invés de entrar na fila de adoção, conheceu os filhos em uma creche a qual faziam doações de mantimentos. As crianças, que estavam para adoção, passavam o dia na creche, dormiam no abrigo e nos finais de semana ficavam na casa da família biológica. Os pais ainda tinham a guarda dos filhos e para que a adoção fosse concretizada foi necessário entrar com um pedido de destituição do poder familiar.

Em todos os casos de adoção, o tempo entre o momento em que os pais conheceram as crianças e efetivaram a adoção foi de até quatro meses. No caso do casal D, Denise foi a primeira a passar pelo processo da fertilização, com duas tentativas frustradas que duraram em torno de dois anos. Após este período, Daniela iniciou o processo e em quatro meses estava grávida dos gêmeos. Todos os filhos adotivos são negros e os filhos biológicos são brancos.

Os participantes deste artigo foram selecionados por conveniência a partir da indicação de profissionais que conhecem ou trabalham com casais homossexuais que em filhos. Os critérios de inclusão foram residir na região metropolitana de Porto

Alegre, ter ao menos ensino médio completo e apresentar uma relação estável com filhos. Foram excluídos da pesquisa pais e mães com filhos de outro relacionamento.

Instrumento

Foi realizada uma entrevista semiestruturada que visava compreender a constituição e expressão da identidade sexual, a formação do vínculo conjugal, o projeto e a concretização da parentalidade, a chegada do filho e as vivências da parentalidade. Estes tópicos foram definidos a partir do objetivo deste artigo e aplicados em uma entrevista piloto para verificação do roteiro e treinamento do método de análise de dados.

Procedimentos

O contato com os participantes foi realizado por telefone e as entrevistas foram agendadas na casa dos casais, no período de abril a julho de 2014. Todas as entrevistas foram realizadas pela primeira autora deste artigo e tiveram duração de uma hora e trinta minutos a três horas e trinta minutos. Os participantes consentiram que a entrevista fosse gravada em áudio, transcrita e encaminhada por email aos casais com a finalidade de verificar o conteúdo e realizar correções ou adições aos dados coletados. Nenhum dos casais apresentou modificações sobre seu relato na entrevista. Com o intuito de preservar a identidade dos participantes, todos os nomes foram alterados. Após a entrevista foi solicitado que os participantes indicassem outros casais que se enquadrassem nos critérios estabelecidos, método conhecido como *snowball* (bola de neve).

Análises de dados

Os dados foram avaliados através da *Consensual Qualitative Research* (CQR) um método de análise qualitativa consensual que estuda com profundidade as experiências internas do sujeito, procurando minimizar o viés do pesquisador (Hill, 2012). O CQR apresenta pressupostos epistemológicos construtivistas com características pós-positivistas, pois reconhece a multiplicidade em que os sujeitos constroem sua realidade, buscando aspectos comuns nas experiências entre os participantes (Hill et al., 2005).

Os componentes básicos do método são: abordagem indutiva, uso de questões abertas para coleta de dados, valorização da palavra, das narrativas e estórias, importância do contexto, uso de amostras pequenas, utilização de múltiplos pontos de vista – juízes –, decisões por consenso, cuidado ético, atenção à cultura e retorno contínuo aos dados brutos para verificar a veracidade dos entendimentos.

A primeira etapa de análise dos dados através do CQR é a definição de domínios, estabelecendo termos gerais que englobam os pontos mais importantes da entrevista. A segunda etapa se caracteriza por destacar na entrevista as ideias centrais de cada fala com o intuito de preencher os domínios. Para isso, a primeira autora e um graduando realizaram individualmente a codificação de cada entrevista, entraram em consenso sobre cada ideia central e o enviaram para a auditora, segunda autora do artigo. A auditoria externa tem por função avaliar a coerência dos achados, minimizando inferências do pesquisador (Hill, 2012). Na terceira etapa a dupla que codificou a entrevista criou categorias unindo as ideias centrais que tratam de um mesmo tema e enviando novamente para auditoria. Depois de concluída a análise de todas as entrevistas, verificou-se a frequência com que as categorias surgiram, classificando como “geral” as que apareceram em todas as entrevistas, “típica” as que

apareceram em mais da metade e “variante” as que apareceram em uma ou duas entrevistas.

A análise dos dados foi realizada pela primeira autora deste artigo e dois graduandos em psicologia, um do sexo feminino e outro do sexo masculino. Para realizar o consenso foram estabelecidas duplas entre a primeira autora e um dos graduandos, sendo que a graduanda participou de três codificações, dos casais A, B, e D, e o graduando do casal C.

Resultados e Discussão

As entrevistas realizadas totalizaram 8 horas, resultando, após a transcrição, em 130 laudas digitadas em Times New Roman 12 com espaçamento 1,5. A análise de conteúdo realizada através do CQR gerou 29 categorias, organizadas em quatro domínios: identidade sexual, vínculo conjugal, processo e parentalidade. Na tabela 3 estão representados os domínios, as categorias com suas definições, a classificação das respostas e a síntese das respostas mais frequentes dadas pelos casais.

Tabela 3 - Domínios, categorias, definição, classificação e síntese dos resultados

Domínio	Categoria	Definição	Classificação	Síntese dos resultados
Identidade sexual	Descoberta	Quando eles descobriram e reconheceram sua sexualidade	Geral	Na adolescência
	Assunção	Quando e como assumiram a homossexualidade	Geral	Homossexualidade foi percebida pela convivência

	Apoio	Apoio social após assunção da homossexualidade	Variante	Apoio de amigos
	Preconceito	Preconceito ao assumir a homossexualidade	Típica	Preconceito de parentes próximos
	Relação social	Relação com a sociedade e a homossexualidade	Variante	Busca por amigos homossexuais
Vínculo conjugal	Relacionamento	Como se conheceram e desenvolveram a relação	Geral	Rapidez ao assumir a relação
	Casamento	Papel do casamento no relacionamento homossexual	Variante	Garantir direitos para cônjuges e filhos
	Apoio	Apoio social do relacionamento	Típica	Apoio de amigos e familiares
	Preconceito	Preconceito sofrido por viver uma relação homossexual	Variante	Receio social
	Relação social	Como vivem a relação perante a sociedade	Típica	Não expõe e nem esconde a relação
Processo	Desejo	Desejo de ter filho	Geral	Um dos cônjuges demonstrava interesse na parentalidade e outro não
	Motivação para parentalidade	Fatores que influenciaram na tomada de decisão	Geral	Vivência com crianças e adolescentes, idade do casal, estabilidade financeira e condições de criar um filho

	Método	Método utilizado para alcançar a parentalidade	Geral	Adoção e fertilização in vitro
	Perfil	Perfil da(s) criança(s) adotada(s)	Típica	Até dois irmãos, com no máximo 5 anos e sem doença incurável
		Perfil do doador do sêmen	Geral	Características de lazer e físicas semelhantes a da mãe não biológica
	Processo	Como ocorreu o processo de adoção	Geral	Lento enquanto estavam à espera da concretização, mas rápido após a efetivação
		Como ocorreu o processo de fertilização	Geral	Duas tentativas frustradas com uma das mães e uma tentativa bem-sucedida com outra
	Apoio	Apoio social na decisão da parentalidade	Típica	Assistentes sociais envolvidas no processo, clínica de fertilização e familiares
	Relações sociais	Como viveram o processo perante a sociedade	Variante	Não contaram sobre o processo da parentalidade
	Planejamento familiar	Realização de um planejamento familiar	Típica	Realizado após a efetivação da parentalidade
	Dificuldades	Dificuldades no processo de parentalidade	Variante	Ao tentar realizar fertilização in vitro em uma clínica católica
Parentalidade	Adaptações	Adaptações e mudanças necessárias para a parentalidade	Geral	Alterar locais que frequentavam e horários para que filhos os acompanhassem, fazer mais programas de lazer em casa e mudança de residência para local com mais espaço

Família biológica	Relação dos filhos com família biológica	Variante	Filhos eram agredidos e/ou negligenciados e não mantêm contato com família biológica
Relação com o filho	Relação com o(s) filho(s)	Geral	Relação afetiva com espaço para diálogo
Papéis	Papéis desempenhados nos cuidados com o(s) filho(s)	Geral	Alternância nos cuidados
Relação do filho com pessoas do sexo oposto	Relação do filho com pessoas do sexo oposto ao dos pais/mães	Típica	Proximidade com pessoas de ambos os sexos
Apoio	Apoio na parentalidade	Geral	De amigos, familiares, babá e creche/escola
Preconceito	Preconceito vivido por ser uma família formada por um casal homossexual	Típica	Não percebem situações de preconceito
Relações sociais	Relacionamento da família com a sociedade	Geral	Parentalidade é a assunção da homossexualidade e do relacionamento
Direitos	Busca por direitos na parentalidade	Geral	Recursos jurídicos para conseguir benefícios na parentalidade
Educação	O que priorizam na educação do(s) filho(s)	Variante	Criá-los com carinho e sem preconceitos

Identidade sexual

No domínio identidade sexual, todos os participantes relataram como foi a descoberta e a assunção da homossexualidade. Os casais referiram que apesar de terem tido experiências heterossexuais, perceberam o desejo por pessoas do mesmo sexo

apenas na adolescência: “Não era por nomes. Eu vivia com as pessoas, andava com as pessoas, namorava com pessoas (César).” A exceção foi Denise que até os 30 anos de idade não tinha se relacionado com mulheres e a descoberta da homossexualidade veio após um casamento heterossexual de 10 anos: “Um ano depois (*da separação*) eu já comecei a sair com mulheres.. e o interessante é que eu me perguntava: ‘Onde estava isso todos esses anos?’”.

Ao serem questionados sobre sua orientação sexual, todos os participantes demonstraram dificuldade em definir sua sexualidade como homossexual ou bissexual e concluíram que o que determina isto é a relação que vivem atualmente. Percebe-se que a necessidade de nomear a maneira como os sujeitos se relacionam é mais importante para sociedade e pesquisador do que para o próprio sujeito que vive nesta condição.

Os homens dos casais A, B e C nunca declararam a homossexualidade para os pais e mães e inicialmente apresentavam os namorados como amigos. Sendo assim, a homossexualidade foi percebida pela convivência, retratada na fala de Bruno: “Eu nunca cheguei e disse (*que era gay*), as coisas foram acontecendo. Com o tempo eles foram sacando. A primeira vez que a gente dormiu em uma cama de casal lá (*na casa dos pais*), foi a mãe que disse que ia arrumar o quarto que tem a cama de casal pra gente.” No casal de mulheres, ambas contaram primeiramente para suas mães sobre a homossexualidade.

Quatro participantes dos casais A, B e D relataram ter sofrido preconceito dos pais, mães e parentes próximos ao assumir a homossexualidade, tendo, em suas percepções, a religião como forte motivo para a homofobia: “A primeira reação da minha mãe foi jogar todos meus santos fora (Denise).” No entanto, dois participantes dos casais B e D também relataram situações de apoio, principalmente dos amigos. No

âmbito social, após o reconhecimento da homossexualidade, Denise foi em busca de amigos homossexuais para se relacionar.

A adolescência é um período marcado por intensas transformações físicas e psíquicas tendo como uma das principais características o desenvolvimento da identidade sexual. Esta etapa de descobertas e modificações pode se tornar mais estressora que o habitual em minorias sexuais se, no momento em que compreenderem e vivenciarem sua homossexualidade, não contarem com o apoio social e familiar. Um estudo desenvolvido com o objetivo de avaliar o apoio da família na assunção da homossexualidade de adolescentes e jovens revela que a rejeição familiar resulta em confusão de identidade e atitudes homofóbicas internalizadas (Willoughby, Doty, & Malik, 2010). A religião e a cultura do país também são fatores que influenciam e estimulam a homofobia (Hildebrandt, 2014), um tipo de preconceito generalizado na sociedade brasileira (Costa, Peroni, Bandeira, & Nardi, 2013).

Vínculo conjugal

Os casais se conheceram em locais públicos – livraria (casal A), bar (casal B) e festa (casal C e D) – e não levaram mais de dois meses entre o primeiro encontro e morar juntos. De acordo com Daniela “lésbica não marca segundo encontro, marca mudança”. A rapidez em assumir a relação, segundo as entrevistadas, está associada à dificuldade em expressar livremente seu afeto em ambientes públicos, limitando os locais que o casal frequenta e antecipando a decisão de morar junto: “É que só pode em certos lugares, para ficar à vontade, para dar beijo (Denise)”; “Por isso a gente acaba se fechando em determinados lugares. E por isso também da escolha de ir morar junto tão rápido, fazer uma vida juntas tão rápido, para ter essa convivência mais intensa (Daniela).” Considerando que estes sujeitos vivem em condição de minoria sexual,

expor a relação pode resultar em esgotamentos emocionais (Goldberg, Kinkler, Moyer & Weber, 2014) que são evitados quando os casais optam por viver a relação dentro de casa.

O reconhecimento legal do casamento entre pessoas do mesmo sexo traz a sensação de segurança e proteção para estes pares (Shulman, Gotta & Green, 2012). Os casais entrevistados referiram que o casamento traz benefícios e garante direitos para cônjuges e filhos. Os pais requisitaram a licença da paternidade e as mães iniciaram um processo para que conste o nome de ambas na certidão de nascimento dos filhos. Estes foram os fatores que levaram os casais B e D a realizarem o casamento civil: “Se nós fossemos somente dois caras morando juntos, as famílias faziam e fazem isso de tomar o bem pra elas (*tomar o imóvel em caso de falecimento*) (Bernardo)”; “Essa questão do casamento, até então não era necessária porque a gente já era casada. Para mim, já era. Mas foi uma questão por conta dos filhos (Denise).”

Três casais, B, C e D, afirmam receber apoio de conhecidos, amigos e familiares em seus relacionamentos, no entanto, os casais B e D também contaram sobre situações de preconceito vivenciadas. Afirmam que a sociedade percebe o relacionamento entre homossexuais de maneira erótica e perversa: “Se tu és um casal homossexual basicamente prevalece a questão do sexo. Ninguém lembra que tens que pagar a conta de luz (...) As pessoas esquecem que tem o amor o carinho (Bernardo).” Daniela percebe diferenças entre o preconceito sofrido por gays e lésbicas. Na opinião dela, ver dois homens se beijando é ofensivo, enquanto ver duas mulheres é convidativo e provocador. E, de fato, há indicativos de que, de modo geral, a sociedade demonstra maior tolerância com relacionamentos de lésbicas do que de gays (Paiva, Aranha, & Bastos, 2008).

Bernardo entende que o estranhamento social é natural, mas o que deve prevalecer nas relações é o respeito e não a aceitação: “Eu acho que a gente nunca deixou que as pessoas passassem. Tem uma cerca e tu ficas do lado de lá se não gostou. Daqui pra cá, é meu.” Os casais B, C e D dizem não participar de grupos que defendem os direitos de homossexuais por não ter interesse em expor a relação, como mostra Daniela: “não levanto bandeira, mas também não me escondo. Nenhum heterossexual sai gritando pela rua dizendo ‘sou *hetero*, me respeitem’ e eu também não preciso fazer isso”.

Apoio e preconceito são categorias presentes em distintos momentos da vida conjugal dos participantes. Percebe-se, entretanto, que com o progresso da relação o apoio da família de origem tende a aumentar, enquanto diminui o preconceito, corroborando o achado de outros estudos realizados com casais homossexuais (Bramlett, 2012; Merino, 2013; Rostosky et al., 2004).

Processo

Este domínio se refere ao processo da parentalidade e mostra o caminho percorrido pelos casais, do momento da decisão de serem pais e mães às dificuldades encontradas. Em todos os casais o desejo de ter filhos se manifestou inicialmente em apenas um dos cônjuges. No casal A, Alex sempre teve o desejo enquanto André oscilava entre o desejo e o receio da responsabilidade de educar uma criança. No casal B, Bernardo sempre teve o desejo, mas Bruno não pensava em ter filhos. A decisão de buscar métodos para alcançar a parentalidade foi tomada quando Bruno manifestou o desejo, que surgiu naturalmente. Diferente do casal B, César, que tinha o desejo de ser pai há bastante tempo, influenciou na decisão do Carlos. Daniela também sempre teve o desejo de ser mãe e de gerar uma criança, enquanto para Denise, em seu relacionamento

heterossexual, a vontade de ser mãe oscilava. No relacionamento com Daniela, Denise viu o desejo amadurecendo com o passar do tempo.

Pesquisas revelam que homossexuais são menos propensos a demonstrar desejo de parentalidade que heterossexuais (Baiocco, Argalia, & Laghi, 2013; Riskind & Patterson, 2010). Isto pode ser compreendido pelas dificuldades adicionais em alcançar a parentalidade nestes casais, explicitado pela a incapacidade biológica de reprodução de pares do mesmo sexo (Murphy, 2013; Wall, 2013) bem como pelo o receio da reação da sociedade e sentimentos discriminatórios internalizados (Kleinert, Martin, Brähler, & Stöbel-Richter, 2015). Uma pesquisa realizada com gays que tinham a intenção de ter filhos revela que apenas metade deles acreditava que conseguiriam concretizar este desejo (Shenkman, 2012).

Os fatores que motivaram a parentalidade foram as relações próximas com crianças e adolescentes – sobrinhos e afilhados afetivos¹ (casais A e B) – e a busca por satisfação e completude pessoal (casal C). O momento ideal para ter filhos foi escolhido devido à idade do casal (casais C e D), estabilidade conjugal e financeira (casais B e D) e sensação de que tinham condições de criar e educar os filhos (casais A, B, C e D). Estas afirmativas são confirmadas por pesquisas que ainda sugerem que a parentalidade faz parte da progressão natural de um relacionamento (Goldberg, Downing et al., 2012; Kleinert et al., 2015).

O método escolhido para alcançar a parentalidade foi a adoção nos casais de homens e a fertilização in vitro no casal de mulheres. Os casais A e B decidiram desde o primeiro momento que a adoção era a única opção viável: “A gente sempre foi da opinião de que já tem tanta criança no mundo.. O amor é o mesmo (André).” Bernardo,

¹ O Programa de Apadrinhamento Afetivo tem o objetivo de proporcionar uma vivência familiar para crianças e adolescentes abrigados que, pelo seu perfil, têm menores chances de adoção. Os padrinhos podem passear com os afilhados, acompanhar sua rotina escolar e levá-lo para passar um dia ou um fim de semana em sua residência.

no entanto, recebeu uma proposta de um casal de amigas lésbicas para engravidar uma delas, mas recusou o convite por ter o desejo de ter um filho na relação com seu companheiro. Antes da adoção, César cogitou engravidar uma amiga, mas as motivações para desistir do processo foram as mesmas do casal B. Antes da adoção, o casal ainda tentou a “adoção à brasileira”, quando a família biológica entrega a criança para um casal, desconsiderando os trâmites legais necessários. O objetivo de buscar esse meio era não ter que esperar na fila de adoção e concretizar a parentalidade de maneira imediata, mas sempre que conseguiam uma criança para adotar, alguém da família biológica se responsabilizava por ela e adoção não era concluída.

Existem diversas formas de alcançar a parentalidade e a análise da literatura revela que a escolha do método é diretamente influenciada pelo contexto social e legislações vigentes nos países em que os casais vivem. No Brasil, gays e lésbicas podem ter filhos através de uma relação heterossexual anterior, em acordos coparentais e através da adoção.

Para os participantes desta pesquisa, o desejo de ter filho estava vinculado ao exercício conjunto da parentalidade e resultou na decisão dos casais formados por homens em optar pela adoção. O casal de mulheres, que tem a possibilidade de recorrer à reprodução medicamente assistida, optou pela fertilização, pois ambas tinham o desejo de engravidar.

O processo de adoção dos casais A, B e C foi percebido como lento enquanto eles estavam na fila, mas a efetivação da adoção após conhecer as crianças, foi rápida. Os casais B e D tiveram que readequar, respectivamente, o perfil da criança adotada e do doador do sêmen. A e B queriam adotar até dois irmãos, com no máximo cinco anos de idade e que não tivessem uma doença incurável. Além destas características, o casal B preferia adotar meninos de cor branca, mas mudou o perfil quando percebeu que isto

implicaria em mais tempo para concretizar a adoção. Esta readequação do perfil da criança tende a ser aceita mais facilmente por gays, que hierarquicamente se sentem inferiores a heterossexuais e impelidos a aceitar o que estiver disponível (Golding, 2006). Pais e mães escolhem perfis de sêmen e de filhos adotivos que apresentem características físicas semelhantes a, pelo menos, um dos cônjuges, visando reduzir as diferenças (Ryan & Berkowitz, 2009). O casal D escolheu um pai biológico que desenvolvesse atividades de lazer e apresentasse características físicas parecidas com a mãe não biológica. O terceiro perfil de cinco possibilidades foi o selecionado para a fertilização.

Durante o processo de ação, os participantes receberam apoio dos assistentes sociais (casal A), da equipe da clínica de fertilização (casal D) e dos pais, mães e primos (casal C): “Uma coisa que veio junto foi a força da minha mãe, o apoio dela (César).” O casal D, entretanto, relatou também dificuldades no processo ao tentar realizar a fertilização em uma clínica católica que se recusou a fazê-la.

Os casais A e B preferiram não contar sobre o desejo e o processo da parentalidade para os familiares. O casal C foi o único que desenvolveu um planejamento familiar antes da efetivação da adoção e definiu que adotariam os três irmãos ou nenhum. O casal B tem planos de adotar o irmão biológico dos meninos, caso ele seja abrigado e o casal D pensa na possibilidade de adoção ou fertilização.

Parentalidade

No domínio parentalidade, os casais relataram adaptações e mudanças necessárias na vida conjugal para viver a parentalidade. As mudanças mais comuns foram adequar os locais que frequentavam e horários para que os filhos os acompanhassem (casais A, B e C), reduzir os programas fora de casa (casais A e B),

mudar de residência para um local com mais espaço (casais C e D), contratar babá (casal B) e sair do emprego para ter mais tempo com os filhos (Carlos). Apesar do despreparo nos primeiros momentos (casais A e C), os casais demonstram estar bem adaptados.

Na relação com os filhos, os pais e mães são afetivos (casais A, B, C e D) e possibilitam espaço para diálogo (casais B e C). Relatam que pais, mães e filhos se sentem felizes e adaptados com a rotina. Para o filho mais velho do casal C, foi difícil a aceitação da homossexualidade dos pais nos primeiros momentos. Outra dificuldade nas relações é o medo que os filhos têm do abandono e de ser devolvido para o abrigo (filhos dos casais B e C). O casal B tem a intenção de proporcionar coisas boas, por ex. viagens, que os filhos não teriam se continuassem abrigados. Bruno e Bernardo estabeleceram o dia da família, para que todos os integrantes desenvolvam atividades juntos.

A parentalidade gerou diversas mudanças para os casais e seus filhos, que inicialmente foram sentidas como difíceis, mas com o passar do tempo foram superadas. Quando a parentalidade é vivida de maneira positiva, os filhos sentem-se adaptados a homossexualidade dos pais (Fairthlough, 2008), o que parece ocorrer nos casos analisados.

Nos casais A, B e D os papéis desempenhados nos cuidados com os filhos se alternam entre pais e mães, como pode ser constatado na fala do André: “Quando o Alex chega dá banho nele, eu visto, ele janta e vai dormir. Nada assim pré-determinado. Se eu não consigo fazer hoje o Alex faz amanhã de manhã.” No casal C, Carlos assume a educação dos filhos e César mantém financeiramente a casa. A flexibilidade nos papéis parentais é comum em casais do mesmo sexo (Rodriguez & Paiva, 2009; Farr &

Patterson, 2013), que compartilham mais os cuidados na casa e na educação das crianças que casais heterossexuais (Goldberg, Smith, & Perry-Jenkins, 2012).

Em relação à maneira como a família se relaciona na sociedade, todos os casais concordam que a parentalidade é a efetivação da homossexualidade e o compromisso com o cônjuge: “Não que eles (*conhecidos*) não soubessem, mas se alguém em algum dia ficou com dúvida, a história do nosso filho trouxe tudo à tona (Alex)”; “Nós tivemos que deixar de lado nossos próprios preconceito, nos assumir como casal, assumir a nossa família, nossos filhos, nossa estrutura familiar (César)”. Os casais A, B e C não percebem situações de preconceito por ser uma família formada por pais gays. De acordo com os participantes, isso acontece porque o mundo está mudando e aceitando aos poucos diferentes configurações familiares (casal B) e porque o preconceito diminui quando são vistos como uma família e não um casal (casal D): “(*A maternidade*) tirou esse ar de promiscuidade, ficou só uma família. ‘Olha que bonito, elas têm dois filhos.’” (Denise); “A mãe dos colegas de judô dos guris sempre olhava para nós. Eu achava que ela era um pouco antipática, mas um dia ela disse que sempre quis falar conosco para elogiar nosso ato (*de adoção*).” (Bruno); “Levamos a vida como se fossemos uma família dita tradicional” (Carlos). Embora já estivessem em relacionamentos duradouros e estáveis, foi a parentalidade que determinou a inclusão social destes casais. Isto é percebido pela mudança na resposta da sociedade quando eles se tornaram pais.

Os casais B, C e D não deixam de desempenhar atividades que consideram importantes por medo do preconceito, ex. participação ativa na escola dos filhos. O casal B destaca que a maioria das pessoas convive naturalmente com a família, porém, em uma ocasião, um colega dos filhos foi afastado do convívio com eles após seu pai ter descoberto que Bruno e Bernardo eram um casal. Apesar de afirmar que não

vivenciaram situações de preconceito, a maioria dos amigos do casal C não aceitou bem a decisão da parentalidade.

Todos os entrevistados receberam apoio no momento da parentalidade e relataram que hoje em dia a família lida bem com a homossexualidade. O apoio foi recebido dos amigos (casais A, B, C e D), familiares (casais C e D), babá (casais B e C), creche e escola (casais A e D), vizinha (casal A) e colegas de trabalho (casal D).

As pesquisas sugerem que, para a grande maioria dos pais e mães, a parentalidade os aproximou da família de origem, mesmo quando a primeira reação foi negativa (Palma & Levandowski, 2008; Power et al., 2012). Além disso, o desejo dos avós de vivenciar esta nova relação, fez com que o preconceito com a sexualidade do filho diminuísse (Power et al., 2012). Pais que receberam apoio no ambiente de trabalho relatam menos sintomas depressivos e ansiosos (Goldberg & Smith, 2013). Em todos os casais entrevistados ficou evidente a importância do suporte recebido bem como a satisfação com o exercício da parentalidade. O apoio social parece ser essencial para que tornar-se pai ou mãe seja fonte de prazer e satisfação mais do que de sofrimento e ansiedade.

A maioria dos participantes teve que contar com o auxílio jurídico para garantir os direitos no exercício da parentalidade. Os casais A e B entraram com um recurso para conseguir a licença paternidade e o casal D está com um processo em andamento para que o nome das duas mães conste na certidão de nascimento dos filhos. Em situações onde foi necessário o preenchimento de dados parentais das crianças, os casais B, C e D requisitaram que fosse efetuada a troca de “mãe e pai” para “mãe e mãe” ou “pai e pai”:

“O mais novo esses tempos ficou doente eu levei no hospital. Ele passou primeiro com um técnico de enfermagem que pediu ‘Nome da mãe? Nome do pai?’ Eu disse o nome do pai e ele perguntou de novo o nome da mãe. Eu falei ‘ele não tem mãe’, e o técnico

‘como não tem mãe?’ , eu pedi para ele se acalmar e repeti que ele não tinha mãe. Meu filho me olhou, ele estava no meu colo e falou, ‘eu não tenho mãe, tenho dois papais (Carlos).’”

Ter duas mães ou dois pais não significa privar a criança do convívio com adultos de um ou outro sexo. Uma pesquisa realizada com mães lésbicas revelou que as entrevistadas consideraram importante o contato dos seus filhos/as com pessoas do sexo masculino (Goldberg & Allen, 2007). Neste sentido, os casais A, B e D destacaram a importância da proximidade do(s) filho(s) com pessoas do sexo oposto ao deles, especialmente com madrinhas (A e B), padrinhos (D), tias (A), avós (A e B) e avôs (D).

Os casais B e C citaram a relação dos filhos com a família biológica. Em ambos os casos os filhos mais velhos foram agredidos e os mais novos negligenciados. Os filhos do casal B eram da mesma mãe, mas de pais diferentes e os filhos do casal C eram de pais biológicos desconhecidos. Os filhos do casal C têm em torno de 20 irmãos por parte de mãe e quem cuidava deles era uma das irmãs, na época com sete anos, que hoje está abrigada. Os filhos pedem para manter contato com as irmãs, mas os pais ficam em dúvida se isto é bom para as crianças: “Deixávamos eles conviverem, só agora que não porque elas estão em um abrigo. Acho também que seria uma afronta contra elas. Imagina elas chegarem em uma casa gigantesca, os irmãos delas *super* bem, em uma família *super* estruturada e elas nada, acho que seria um choque muito grande.”; “Quando a gente encontrava as outras irmãs na pracinha nossa filha simplesmente parava de falar e fazia xixi na cama três, quatro dias seguidos. Fazia muito mal aquele encontro para ela, estranho, mais fazia (Carlos).” Atualmente, os filhos dos casais B e C não tem contato com a família biológica.

Na educação dos filhos, os pais e mães entrevistados priorizam criar os filhos com carinho (casal B), sem preconceitos (casais B e D), com liberdade para fazer suas

próprias escolhas (casal D). As entrevistas revelam que os casais homossexuais desejam que seus filhos cresçam capazes de enfrentar as adversidades da vida sem muito sofrimento. Possivelmente, essa preocupação tenha raiz nas situações de preconceito que eles próprios sofreram, direta ou indiretamente. Para eles, o afeto aliado à aceitação das diferenças é fundamental para que os filhos cresçam saudáveis e capazes de se defender, como enfatizou Daniela: “A nossa ideia é ensiná-los a naturalidade desse tipo de relação e qualquer tipo de relação, pra que eles consigam se defender se for preciso”.

Sabe-se que a adaptação de um indivíduo não depende da sexualidade dos pais (Bos, 2010; Erich, Kanenberg, Case, Allen, & Bogdanos, 2009; Gartrell & Bos, 2010; Oliva, Arranz, Parra, & Olabarrieta, 2014; Perlesz & McNair, 2004; Wainrigh, Russell, & Patterson, 2004), mas sim de um ambiente favorável, amoroso, estimulante e livre de conflitos (Oliva et al., 2014). Este estudo não se concentrou na experiência de filhos de casais homossexuais e sim na de seus pais. Entretanto, o discurso dos entrevistados permite pressupor que filhos de casais homossexuais sejam mais propensos à empatia e à solidariedade, uma vez que sua educação familiar enfatiza de forma muito clara, direta e transparente que todos devem ser respeitados pelo que são. “Nós não podemos ser preconceituosos porque a gente ter uma carrada de motivos para os outros serem preconceituosos então porque que nós vamos fazer a mesma coisa que os outros fazem? Então eu disse pro meu filho diversas vezes: ‘tu não começa uma discussão chamando uma pessoa de gorda, chamando a pessoa de magra, chamando de alta, de nanico, tu não cita a cor da pessoa, a raça o sexo, sei lá o que (Bruno)’”.

Considerações finais

Os achados desta pesquisa sugerem que pais gays, mães lésbicas e seus filhos vivenciam a parentalidade de maneira positiva, estabelecendo vínculos saudáveis e de

confiança entre os familiares. Porém, por viver em uma sociedade heteronormativa a parentalidade em casais do mesmo sexo traz consigo uma carga de medos e desafios inerente aos sujeitos desde o momento da descoberta da sexualidade.

O receio de passar por situações de preconceito faz com que os casais assumam com rapidez seus relacionamentos para vivê-los dentro de casa ou em ambientes privados que respeitam sua sexualidade e evitam a exposição social. No entanto, analisando a história dos casais, desde a descoberta e assunção da homossexualidade até o desejo e a efetivação da parentalidade, percebe-se a uma diminuição do preconceito, especialmente da família de origem, e um aumento do apoio social.

A exposição da relação se torna impreterível quando os casais efetivam o desejo de se tornarem pais e mães. A conjugalidade e a parentalidade parecem desempenhar um importante papel na superação de comportamentos evitativos, fazendo com que os casais sintam-se mais confiantes e seguros nas interações sociais. Considerando os valores que priorizam na educação dos seus filhos, pode-se dizer que a parentalidade homossexual traz consigo o desejo de que a próxima geração seja mais livre para fazer escolhas e mais tolerante às diferenças do que a atual.

Este foi um estudo qualitativo, com um número reduzido de participantes, de elevado nível de escolaridade, que foram selecionados por conveniência. Qualquer generalização dos achados para outros casos deve ser feita com cautela, sendo necessários outros estudos com esta população para que se possa estabelecer com mais segurança o que é comum à parentalidade homossexual. Não se pode desconsiderar possível influência da desejabilidade social no conteúdo das entrevistas realizadas nem relevar a possibilidade de que os participantes representem uma parcela mais adaptada e saudável da população, uma vez que casais disfuncionais, em conflito com a parentalidade e/ou com maior medo de exposição social provavelmente não aceitariam

participar deste tipo de estudo. Não obstante, a maior parte das categorias foram típicas ou geral, sugerindo replicabilidade em outros casos. Além disso, constatamos que outras pesquisas corroboram alguns dos mais importantes achados deste estudo: a parentalidade em casais do mesmo sexo: é exercida com satisfação e responsabilidade; revela a maturidade do casal; é facilitada pelo apoio e complicada pelo preconceito social; é caracterizada por flexibilidade nos papéis parentais; é preocupada com a transmissão de valores de igualdade e liberdade.

Referências

- Baiocco, R., Argalia, M., & Laghi, F. (2013). The desire to marry and attitudes toward same-sex family legalization in a sample of Italian lesbians and gay men. *Journal of Family Issues*, 35(2), 181-200. doi:10.1177/0192513X12464872
- Bos, H. H. M. W. (2010). Planned gay father families in kinship arrangements. *Australian & New Zealand Journal of Family Therapy*, 31(4), 356-371. doi:10.1375/anft.31.4.356
- Bramlett, B. H. (2012). The cross-pressures of religion and contact with gays and lesbians, and their impact on same-sex marriage opinion. *Politics & Policy*, 40(1), 13-30. doi:10.1111/j.1747-1346.2011.00337.x
- Corrêa, M. E. (2012). *Duas mães? Mulheres lésbicas e maternidade* (Tese de doutorado). Retirado da base de dados Bireme. (643305).
- Costa, A. B., Peroni, R. O., Bandeira, D. R., & Nardi, H. C. (2013). Homophobia or sexism? A systematic review of prejudice against nonheterosexual orientation in Brazil *International Journal of Psychology*, 48(5), 900-909. doi:10.1080/00207594.2012.729839

- D'Augelli, A. R., Rendina, J., & Sinclair, K. O. (2007). Gay and lesbian youth want long-term couple relationships and raising children. *Journal of LGBT Issues in Counseling, 1*(4), 77-98. doi:10.1177/0192513X13484272.
- Erich, S., Kanenberg, H., Case, K., Allen, T., & Bogdanos, T. (2009). An empirical analysis of factors affecting adolescent attachment in adoptive families with homosexual and straight parents. *Children and Youth Services Review, 31*, 398-404. doi:10.1016/j.chilyouth.2008.09.004
- Fairthlough, A. (2008). Growing up with a lesbian or gay parent: Young people's perspectives. *Health and Social Care in the Community, 16*(5), 521-528. doi:10.1111/j.1365-2524.2008.00774.x
- Farr, R., & Patterson, C. J. (2013). Coparenting among lesbian, gay, and heterosexual couples: Associations with adopted children's outcomes. *Child Development, 84*(4), 1226-1240. doi:10.1111/cdev.12046
- Gartrell, N., & Bos, H. (2010). US national longitudinal lesbian family study: Psychological adjustment of 17-year-old adolescents. *Pediatrics, 126*(3), 28-36. doi:10.1542/peds.2009-3153
- Gates, G., Badgett, L. M., Macomber, J. E., & Chambers, K. (2007). *Adoption and foster care by lesbian and gay parents in the United States*. U.S.A: The Urban Institute and The Williams Institute.
- Goldberg, A. E., & Allen, K. R. (2007). Imagining men: Lesbian mother's perceptions of male involvement during the transition to parenthood. *Journal of Marriage and Family, 69*, 352-365. doi:10.1111/j.1741-3737.2007.00370.x
- Goldberg, A. E., & Smith, J. Z. (2013). Work conditions and mental health in lesbian and gay dual-earner parents. *Family Relations, 62*, 727 - 740. doi:10.1111/fare.12042

- Goldberg, A. E., Downing, J. B., & Moyer, A. M. (2012). Why parenthood, and why now? Gay men's motivations for pursuing parenthood. *Family Relations, 61*, 157-174. doi:10.1111/j.1741-3729.2011.00687.x
- Goldberg, A. E., Kinkler, L. A., Moyer, A. M., & Weber, E. B. (2014). Intimate relationship challenges in early parenthood among lesbian, gay, and heterosexual couples adopting via the Child Welfare System. *Professional Psychology: Research and Practice, 45*(4), 221-230. doi:10.1037/a0037443
- Goldberg, A. E., Smith, J. Z., & Perry-Jenkins, M. (2012). The division of labor in lesbian, gay, and heterosexual new adoptive parents. *Journal of Marriage and Family, 74*(4), 812-828. doi:10.1111/fare.12042
- Golding, A. C. (2006). Redefining the nuclear family: An exploration of resiliency in lesbian parents. *Journal of Feminist Family Therapy, 18*(1/2), 35-65. doi:10.1300/J086v18n01_02
- Grossi, Uziel & Mello (2007). *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Hildebrandt, A. (2014). Routes to decriminalization: A comparative analysis of the legalization of same-sex sexual acts. *Sexualities, 17*(1/2), 230-253. doi:10.1177/1363460713511105
- Hill, C. E. (2012). *Consensual Qualitative Research: A practical resource for investigating social science phenomena*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Hill, C. E., Knox, S., Thompson, B. J., Williams, E. N., Hess, S. A., & Ladany, N. (2005). Consensual Qualitative Research: An update. *Journal of Counseling Psychology, 52*(2), 1-25. doi:10.1037/0022-0167.52.2.196

- Kleinert, E., Martin, O., Brähler, E., & Stöbel-Richter, Y. (2015). Motives and decisions for and against having children among nonheterosexuals and the impact of experiences of discrimination, internalized stigma, and social acceptance. *Journal of Sex Research, 52*(2), 174-185. doi:10.1080/00224499.2013.838745
- Merino, S. M. (2013). Contact with gays and lesbians and same-sex marriage support: The moderating role of social context. *Social Science Research, 42*(4), 1156-1166. doi:10.1016/j.ssresearch.2013.02.004
- Murphy, D. A. (2013). The desire for parenthood gay men choosing to become parents through surrogacy. *Journal of Family Issues, 34*(8), 1104-1124. doi:10.1177/0192513X13484272
- Oliva, A., Arranz, E., Parra, A., & Olabarrieta, F. (2014). Family structure and child adjustment in Spain. *Journal of Child & Family Studies, 23*, 10-19. doi:10.1007/s10826-012-9681-2
- Paiva, V., Aranha, F., & Bastos, F. (2008). Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: Pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. *Revista de Saúde Pública, 42*(1), 54-64. doi:10.1590/S0034-89102008000800008
- Palma, Y. A., & Levandowski, D. C. (2008). Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas. *Psicologia em estudo, 13*(4), 771-779.
- Perlesz, A., & McNair, R. (2004). Lesbian parenting: Insider's voices. *Australian & New Zealand Journal of Family Therapy, 25*(2), 129-140.
- Power, J., Perlesz, A., McNair, R., Schofield, M., Pitts, M., Brown, R., & Bickerdike, A. (2012). Gay and bisexual dads and diversity: Fathers in the Work, Love, Play study. *Journal of Family Studies, 18*(2-3), 143-154.

- Riskind, R. G., & Patterson, C. J. (2010). Parenting intention and desires among childless lesbian, gay and heterosexual individuals. *Journal of Family Psychology*, 24(1), 78-81. doi:10.1037/a0017941
- Rodriguez, B., & Paiva, M. L. (2009). Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental. *Vínculo*, 6(1), 13-25.
- Rostosky, S. S., Korfhage, B. A., Duhigg, J. M., Stern, A. J., Bennett, L., & Riggle, E. D. B. (2004). Same-sex couple perceptions of family support: A Consensual Qualitative study. *Family Process*, 43(1), 43-57.
- Ryan, M., & Berkowitz, D. (2009). Constructing gay and lesbian parent families “beyond the closet”. *Qualitative Sociology*, 32, 153-172. doi:10.1007/s11133-009-9124-6
- Santos, C. (2004). *A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: Um estudo fenomenológico de vivências de gays e lésbicas*. (Tese de doutorado). Retirado da Biblioteca Virtual da Universidade de São Paulo.
- Shenkman, G. (2012). The gap between fatherhood and couplehood desires among Israeli gay men and estimations of their likelihood. *Journal of Family Psychology*, 25(5), 828-832. doi:10.1037/a0029471
- Shulman, J. L., Gotta, G., & Green, R-J. (2012). Will marriage matter? Effects of marriage anticipated by same-sex couples. *Journal of Family Issues*, 33(2), 158-181. doi:10.1177/0192513X11406228
- Vilhena, J., Souza, A. C. B., Uziel, A. P., Zamora, M. H., & Novaes, J. V. (2011). Que família? Provocações a partir da homoparentalidade. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 11(4), 1639-1658.

- Wainright, J. L., Russell, S. T., & Patterson, C. J. (2004). Psychosocial adjustment, school outcomes, and romantic relationships of adolescents with same-sex parents. *Child Development, 75*(6), 1886-1898.
- Wall, M. L. (2013). Lesbians' perceived readiness to parent. *Affilia: Journal of Women and Social Work, 28*(4), 391-400. doi:10.1177/0886109913504723
- Willoughby, B. B., Doty, N. D., & Malik, N. M. (2010). Victimization, family rejection, and outcomes of gay, lesbian, and bisexual young people: The role of negative GLB identity. *Journal of GLBT Family Studies, 6*(4), 403-424.

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
RESOLUÇÃO 176/2013

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS analisou o projeto:

Projeto: Nº CEP 13/170 **Versão do Projeto:** 13/12/2013 **Versão do TCLE:** 13/12/2013

Coordenadora:

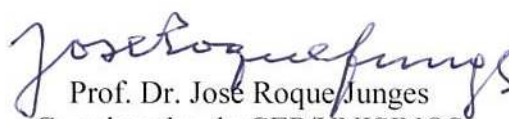
Mestranda Marina Ortolan Araldi (PPG em Psicologia)

Título: A parentalidade em casais homoafetivos.

Parecer: O projeto foi APROVADO, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 466/12, item XI.2, letra d. Somente poderão ser utilizados os Termos de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 13 de dezembro de 2013.



Prof. Dr. José Roque Junges
Coordenador do CEP/UNISINOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Pelo presente termo, convidamos a participar da pesquisa que consiste na Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica da aluna Marina Ortolan Araldi, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sob a orientação da Profa. Dra. Fernanda Barcellos Serralta. O objetivo deste trabalho consiste em compreender o processo de constituição e de exercício da parentalidade em casais homoafetivos, visando ampliar o conhecimento sobre as particularidades desta configuração parental.

A pesquisa será realizada através de um encontro com duração aproximada de duas horas, previamente combinado conforme a sua conveniência. O encontro será gravado digitalmente e, após a transcrição para análise dos dados, a gravação será arquivada em um computador seguro da UNISINOS com senha de acesso.

A pesquisadora poderá sugerir atendimento psicológico caso o participante apresente sinais de sofrimento psíquico relacionado ao tema em discussão. Ao final do trabalho, os resultados serão divulgados no ambiente acadêmico e em encontros científicos, sempre garantindo a confidencialidade da fonte das informações. O participante poderá se retirar da pesquisa a qualquer momento.

Qualquer dúvida sobre o trabalho pode ser esclarecida junto à responsável pela pesquisa, a aluna Marina Ortolan Araldi, (marinaaraldi@hotmail.com), ou com a Profa. Dra. Fernanda Barcellos Serralta, (fserralta@unisinobr).

_____, ____ de _____ de 2014.

Nome do participante

Assinatura do participante

Profa. Dra. Fernanda Barcellos Serralta

Acadêmica Marina Ortolan Araldi

CEP - UNISINOS
VERSÃO APROVADA
Em: 16. / 12. / 13
